



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/10894>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i29.10894>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 29 | Jul-Dez, 2023, pp. 139-152

Submissão: 17/08/2023 | Aprovação: 05/11/2023



OFÍCIO DE ALFAIATE EM MANAUS: ARTE, APRENDIZADO E DECADÊNCIA DURANTE O CICLO DA BORRACHA¹

TAILOR'S CRAFTS IN MANAUS: ART, LEARNING AND DECAY DURING THE RUBBER CYCLE

Mara Rúbia SANT'ANNA  

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)²

Juliana de Azevedo PEREIRA  

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)³

Resumo: O presente artigo consiste na discussão acerca da relação entre o ofício de alfaiate em Manaus, a oficina de alfaiataria na Escola de Aprendizizes Artífices do Amazonas e o contexto da cidade no período de 1910-1925 e 1940-1955. Primeiramente, buscou-se fazer uma pesquisa documental sobre esse ofício no *Jornal do Commercio (AM)* de 1910-1925, tempo em que os alfaiates eram imprescindíveis, e comparar com os anos de 1940-1955, momento em que os ofícios manuais mostraram-se perdendo cada vez mais relevância. A partir deste estudo, observou-se que grande número de anúncios de alfaiatarias foram reduzindo gradualmente, conforme a decadência do Ciclo da Borracha, o que aponta naquele contexto a forte relação entre poder aquisitivo e o consumo do serviço de alfaiates.

Palavras-chave: Ofício de alfaiate. Ciclo da Borracha. Anúncios.

Abstract: *This article consists of a discussion about the relationship between the craft of tailoring in Manaus, the tailoring workshop at the Escola de Aprendizizes Artífices do Amazonas and the context of the city in the period between 1910-1925 and 1940-1955. First, we sought to do a documentary research on this craft in the *Jornal do Commercio (AM)* from 1910-1925, a time when tailors were essential, and to compare it with the years 1940-1955, when manual crafts showed increasingly losing relevance. From this study, it was observed that a large number of tailoring advertisements gradually reduced, as the Rubber Cycle declined, which indicates in that context the strong relationship between purchasing power and the consumption of tailoring services.*

Keywords: Tailoring. Rubber Cycle. Advertisement.

¹ Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

² Doutora em História (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). Professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da mesma instituição. *E-mail:* sant.anna.udesc@gmail.com

³ Graduanda no curso de Bacharelado em Moda (Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil). Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC), do projeto "Escolas de Artes e Ofícios no Brasil: história, propostas formativas e continuidades na formação do Bacharelado em Design de Moda". *E-mail:* juliana.azevedopereira@gmail.com

INTRODUÇÃO

A alfaiataria, ofício manual que demanda muito tempo e prática para o aprendizado das técnicas que tornam cada peça de roupa única, vem cada vez mais sendo deixada de lado. No campo da memória ficam as histórias destes profissionais de grande admiração e respeito, que marcaram diversos períodos com o trabalho minucioso e individualizado.

Contudo, a perfeição envolvida na profissão do alfaiate era um produto de muita prática e estudo, por conta disso, levavam anos para aprender a técnica e se especializar. De acordo com Juliana Barbosa (2016), levavam no mínimo três anos para que os aprendizes pudessem se formar, dependendo também se o mestre estava disposto a ensinar, pois o processo de ensino era baseado na observação e prática.

A formação se dava muitas vezes por meio de uma escala hierárquica, como Juliana Barbosa (2016) caracteriza, os meninos iniciavam no ramo como aprendizes e poderiam subir nesta escala, podendo chegar a se tornarem mestres alfaiates. Esta escala, de acordo com a autora, se divide de forma crescente em: aprendizes de alfaiate; oficiais da confecção do paletó: oficial acabador, oficial calceiro, camiseiro e oficial buteiro; e mestre alfaiate.

Este processo lento de formação e o longo tempo para se fazer uma roupa contribuíram para que as técnicas fossem deixadas de lado e aos poucos substituídas pela indústria do *ready to wear* (pronto para vestir). Apesar de a indústria produzir peças parecidas ao trabalho dos mestres artesãos, não havia o mesmo padrão de qualidade, o corte personalizado e os detalhes cheios de valor, que estavam inseridos nas etapas do trabalho dos verdadeiros alfaiates (Barbosa, 2016). Nesse contexto, Maria Izabel Silva e Bernadete Aued, citam que os alfaiates “eram verdadeiros artistas, com extrema habilidade manual transformavam tecidos em peças de arte, as quais adaptavam aos mais variados tipos físicos de seus clientes (...)” (Silva; Aued, 2005, p. 3). A profissão de alfaiate tinha um grande prestígio e seus serviços eram amplamente divulgados em jornais, como no Jornal do Commercio (AM), em Manaus, no período de 1910-1925 e 1940-1955, local e momento escolhidos para a pesquisa.

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa interinstitucional, em andamento, “Escolas de Artes e Ofícios no Brasil: história, propostas formativas e continuidades na formação do Bacharelado em Design de Moda”. Coordenado pela professora (Mara Rúbia Sant'anna), o projeto conta com a participação de mais 16 pesquisadores⁴. Em busca por estudar a respeito da relação entre o ofício de

⁴ Entre os pesquisadores estão: (Mara Rúbia Sant'anna).

alfaiate em Manaus, a oficina de alfaiataria na Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas e o contexto da cidade no período de 1910-1925 e 1940-1955, pesquisou-se inicialmente sobre este ofício no *Jornal do Comercio (AM)*, analisando os anúncios e a quantidade desses, do período de 1910-1925, época da criação da Escola de Aprendizes Artífices; início das oficinas de alfaiataria nessa mesma escola e final do primeiro Ciclo da Borracha no Amazonas. Após isso, foi feita uma comparação com o período de 1940-1955, época em que as oficinas de alfaiataria já haviam sido extintas e o Amazonas enfrentava o final do segundo Ciclo da Borracha (1942-1945) (Andrade, 2015). Dessa forma, o artigo está organizado em: Sociedade manauara de 1910 a 1925, Sociedade manauara de 1940 a 1955 e Ofício de alfaiate em anúncios de jornal.

SOCIEDADE MANAUARA DE 1910 A 1925

De 1910 a 1913 o Amazonas aproveitava os últimos anos de grande apogeu, vindos a partir do período compreendido como Primeiro Ciclo da Borracha (1870-1915). Explorada pelos seringueiros⁵, na região amazônica, a borracha silvestre, provinda da seringueira⁶ (*Hevea Brasiliensis*), gerou um ciclo econômico que alterou as estruturas urbanas e sociais de Belém (PA) e Manaus (AM). A região amazônica, como uma das principais e maiores produtoras, exploradoras e exportadoras de látex, desta época, rapidamente transformou-se em um grande polo, deu-se início assim à Belle Époque⁷ (Silva, 2016).

Com a Belle Époque, Jarlison Augusto Silva (2016) afirma que vieram as modificações nos traços arquitetônicos, comportamentais, educacionais e socioeconômicos na região norte. Pode-se dizer que nesta época, a cidade de Manaus apreciou o conceito de modernidade, com as transformações em praças, avenidas e costumes ao estilo europeu, em especial francês, tornando para alguns, como dito por João Luiz de Souza (2013, p. 29), “um posto de importação e exportação; para outros, era algo inusitado”.

Como “produto do progresso”, houve também a “implementação de rede de esgotos, iluminação elétrica, bondes e telégrafo” (Silva, 2016, p. 157). Juntamente com esse desenvolvimento

⁵ Contratados por um aviador, eram migrantes nordestinos, geralmente homens, jovens, adultos e solteiros, que estavam fugindo da grande seca nordestina de 1870-80, e em busca por gerar fortuna viam uma oportunidade em trabalhar na empresa extrativista da borracha. Como afirma Jarlison Augusto Silva, p. 150: “a ida ao Amazonas não era tida como algo permanente, e sim uma maneira de fazer fortuna e depois retornar para o sertão e à família”.

⁶ Árvore produtora de látex.

⁷ Período entre 1870 e 1913, proveniente da riqueza que se deu na região a partir da extração e comercialização do látex (Silva, 2019).

urbano, além da segregação entre as classes sociais, apresentou-se ao final da década de 1910 o crescimento populacional da região (SILVA, 2016).

Apesar do rápido crescimento econômico, logo veio a decadência da borracha, a partir do contrabando de sementes da *heveas brasiliensis*, em 1876, por ingleses. As sementes foram levadas às colônias asiáticas e lá foi implantado um sistema racional⁸ de plantio e colheita. Por conta deste ocorrido, houve aumento da oferta da borracha na Ásia em 1910 a 1915, causando, em 1912, o barateamento dos preços da borracha da Amazônia e, conseqüentemente, um grande índice de falência na região (Paula, 1982).

Apesar da produção e comercialização da borracha ter começado bem antes do contrabando das sementes da *heveas brasiliensis*, a produção asiática rapidamente superou a produção brasileira. Entre os motivos, João Antonio de Paula (1982) destaca as precárias condições de extração do látex, ocasionando a baixa produtividade do trabalho. E, Jarlison Augusto Silva (2016, p.152), argumenta que enquanto na Ásia havia uma exploração racional, onde as sementes foram plantadas em terrenos limpos, na Amazônia “o produto era coletado no meio da mata”.

A “época de ouro”, proporcionou além da transformação da parte urbana da cidade, a criação do Teatro Amazonas⁹ e da Escola de Aprendizes Artífices, escola de ensino primário e profissionalizante de grande importância tanto para a época pesquisada, quanto para a atualidade, chamando-se hoje Instituto Federal do Amazonas (IFAM).

ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES DE MANAUS

Ainda desfrutando da riqueza e da modernidade, devido ao ciclo da borracha, foram instituídas em setembro de 1909, a partir do decreto n. 7.566, no governo do presidente da República Nilo Peçanha, as Escolas de Aprendizes Artífices. Instauradas nas capitais brasileiras, tinham o objetivo de oferecer aos desprovidos de fortuna, um ensino profissional primário e gratuito, para a inserção destes no mercado de trabalho. Em Manaus, a escola foi inaugurada no dia 1º de outubro de 1910 e as matrículas iniciaram em dezembro do mesmo ano, com vagas para as oficinas de marcenaria e alfaiataria (Andrade, 2015). No edital para a matrícula, publicado no Jornal do Commercio no dia 11 de janeiro de 1911, constava que poderiam estudar na escola apenas quem estivesse dentro dos seguintes requisitos:

⁸ O sistema de cultivo racional consiste no uso das terras para plantio sem comprometer sua capacidade produtiva, fazendo a manutenção constante do solo. Isso proporciona o cultivo de alta escala e qualidade.

⁹ Inaugurado em 1896, o teatro é um Patrimônio Histórico Nacional, que com sua arquitetura mantém viva histórias do ciclo da borracha.

- a) –idade de 10 anos no mínimo e 13 no máximo;
- b) –não sofrerem de molesia infecto-contagiosa;
- c) –não terem defeitos físicos que os inabilitem para a aprendizagem do ofício (Jornal do Commercio, 1911, ed. 02420).

Começaram então em 1911, com 33 alunos, na Chácara Afonso de Carvalho, no bairro Cachoeirinha, as aulas da Escola de Aprendizes Artífices de Manaus. Apesar da escola ter sido um grande marco para a inicialização do ensino profissionalizante, Maria do Carmo Ferreira de Andrade (2015) afirma que nos primeiros anos de ensino, o funcionamento não foi adequado devido às condições insalubres da região onde a chácara estava situada¹⁰, à dificuldade de acesso ao local¹¹ e também devido à contratação de professores despreparados para assumirem o cargo. Devido a estas questões, com o passar dos anos, a frequência dos aprendizes foi reduzindo.

No Relatório Ministerial sobre as Escolas de Aprendizes Artífices, é possível notar a redução da presença de alunos nos cursos e oficinas, com o levantamento da frequência dos mesmos. No relatório de 1911-1912¹², houve a matrícula de 23 alunos e a frequência média de 18 aprendizes, como observação foi relatado os objetos produzidos por eles, sendo: paletós e calças. Já no relatório de 1913¹³, com a matrícula total de 12 aprendizes (6 do 1º ano, 1 do 2º, 5 do 3º e 0 do 4º ano), houve a frequência de 7,3 e a confecção apenas de paletós. Em 1914¹⁴, foi apresentado o total das matrículas oficinas de alfaiataria e marcenaria sendo de 39 alunos (15 no 1º ano, 11 no 2º, 8 no 3º e 5 no 4º) e a confecção dos aprendizes alfaiates de: paletós e ternos.

Em época já de crise do ciclo da Borracha, nota-se a diminuição das matrículas em 1916¹⁵, chegando ao total de 10 matriculados no curso de alfaiataria (8 no 1º ano, 1 no 2º e 3º ano e 0 no 4º

¹⁰ A região era um dos principais focos de malária da cidade.

¹¹ A escola estava situada longe do centro urbano da cidade e não existia um transporte coletivo que levasse os estudantes até lá (Andrade, 2015, p. 107)

¹²Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181795/Relat%c3%b3rio%20da%20Escola%20de%20Aprendizes%20Art%c3%adices%20%281911-1912%29%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

¹³Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181799/Relat%c3%b3rio%20da%20Escola%20de%20Aprendizes%20Art%c3%adices%20%281913%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

¹⁴ Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/181792/Relat%c3%b3rio%20da%20Escola%20de%20Aprendizes%20Art%c3%adices%20%281914%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

¹⁵

Disponível

em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181791/Relat%c3%b3rio%20da%20Escola%20de%20Aprendizes%20Art%c3%adices%20%281916%29%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

ano), havendo a frequência média de 5 e a confecção de ternos de roupa. Em 1917¹⁶, a média de matrículas foi parecida a do ano anterior, chegando a 11 (5 do 1º ano, 2 do 2º, 3º e 4º), nesse ano não foram informadas as peças confeccionadas.

Em 1917, a Escola mudou de endereço e o número de matrículas aumentou em 1924¹⁷, passando a ter 18 matriculados, e as peças confeccionadas foram casacos e calças para homens e ternos para crianças nas aulas. E, 41 matriculados em 1925¹⁸, apesar do alto número neste ano, a frequência média foi de 20.

Apesar de a Escola de Aprendizes Artífices ter sido um grande marco para a época, poucas notícias sobre as oficinas de alfaiataria foram publicadas no Jornal do Commercio (AM), não podendo ser identificado quem e quantas pessoas se formaram nesta oficina.

SOCIEDADE MANAUARA DE 1940 A 1955

No período de 1940 a 1955, o mundo vivia o final do conflito da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O Brasil teve um papel de grande importância quando os Estados Unidos entraram neste conflito. Foi firmado o Acordo de Washington (entre 1942 e 1943), que estabeleceu o apoio estratégico do Brasil e de outros países da América Latina aos EUA, para fornecer matérias primas, como por exemplo: a borracha.

Para João Antônio de Paula (1982, p. 84), a borracha representa um paradoxo. Apesar de ser uma matéria-prima de grande importância mundial, indispensável para diversas indústrias que representam a modernidade, como é o caso da indústria automobilística, possuía um sistema de produção atrasado, como era o caso do Brasil. Não é à toa que foi facilmente ultrapassado pela Ásia e logo se desencadeou a crise da borracha.

No entanto, a partir de quando o Brasil deixou de ser neutro na Segunda Guerra Mundial, viu-se no Amazonas, uma oportunidade de obter lucros e reerguer a pobreza, mas pouco a Amazônia se beneficiou (Silva, 2015 p. 60). Francisco Eleud Gomes da Silva (2015) argumenta acerca da

¹⁶ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181794/Relat%c3%b3rio%20da%20Escola%20de%20Aprendizes%20Art%c3%adices%20%281917%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10 de maio de 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182548/Relat%c3%b3rio%20do%20Servi%c3%a7o%20de%20Remodela%c3%a7%c3%a3o%20sobre%20a%20EAA%20%281924%29%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

¹⁸ <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182551/Relat%c3%b3rio%20do%20Servi%c3%a7o%20de%20Remodela%c3%a7%c3%a3o%20sobre%20a%20EAA%20%281925%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

necessidade de se produzir borracha em tempo reduzido, em razão disso, este período ficou conhecido como “Batalha da Borracha”. Para suprir as demandas da guerra, foi preciso mobilizar mais trabalhadores para a Amazônia, os “soldados da borracha”, acerca desta política o autor enfatiza que:

A política de migração foi equivocada e mal conduzida, tanto pelo Brasil, quanto pelos Estados Unidos que tinham interesse na borracha para suprir os estoques que se encontravam em situação precária. A exploração tradicional sem o mínimo de tecnologia contribuiu para o fracasso desta empreitada, pois o trabalho era feito manualmente e era dificultado pela distância entre as árvores, fazendo com que os trabalhadores conseguissem pouca colheita e a desperdiçassem pela ausência de tecnologia adequada para desenvolver este serviço. (Silva, 2015, p. 26)

Com o final da Segunda Guerra Mundial e a eclosão da borracha sintética, deu-se o fim deste breve ciclo da borracha (1942-1945) e fez com que a produção da borracha amazônica aos poucos acabasse.

OFICINA DE ALFAIATARIA NA ESCOLA DE APRENDIZES

Nesta época ainda de crise, mas com a esperança de que a economia pudesse subir, é o período em que o Brasil passa da fase agrícola de produção para a fase industrial, 1930-1945 (BENTES, 2015). O reflexo desta mudança veio logo depois, quando o mercado passou a necessitar de mão de obra especializada, havendo assim, uma nova configuração na proposta de ensino da Escola de Aprendizes Artífices de Manaus. A respeito desta nova formação acadêmica, Arone Bentes argumenta que:

Egressos de cursos técnicos vão preencher frentes de trabalho desempenhando atividades que requerem algum conhecimento especializado. A formação passa a ser feita em sintonia com os interesses flagrantes do capital industrial num contexto novo de desenvolvimento. Isso tudo coincide com o início de uma organização nacional do ensino ligado à indústria e com uma situação mundial muito atrelada à produção em larga escala (Bentes, 2015, p. 82).

Neste contexto, as oficinas de alfaiataria não mais vistas como essenciais para a economia da época, deixaram de ser ministradas. Desde então, não houve mais registro da existência dessas oficinas em Manaus, no Relatório Ministerial sobre as Escolas de Aprendizes Artífices, de acordo com nossas pesquisas. Segundo Arone Bentes (2015), os cursos da escola passaram a atender às demandas industriais, e com isso houve em 1937, a primeira alteração no nome da escola, passando a ser Lyceu Industrial de Manaus. Mas, logo em 1942, o Lyceu passa a ser uma escola industrial e técnica, com o objetivo de “oferecer a formação profissional em nível equivalente ao do secundário” (Mello, 2018).

OFÍCIO DE ALFAIATE EM ANÚNCIOS DE JORNAL

À procura por entender a relevância do ofício de alfaiate em Manaus, decidiu-se fazer a comparação entre os dois períodos tratados anteriormente, analisando em anúncios do Jornal do Commercio (AM) as anúncios feitos por estes artesãos.

O primeiro período retrata o final da “época de ouro” ou “Belle Époque”, vindos com o auge do ciclo da borracha, no qual é possível perceber ao longo desses 15 anos iniciais, escolhidos para fazer a análise da pesquisa, um grande número de anúncios de alfaiatarias, que vão regredindo gradualmente até chegar a haver poucos anúncios nos 15 anos finais da análise.

Com anúncios diários e semanais, as divulgações feitas nos jornais eram cheias de ofertas, em sua grande maioria. A mensagem era clara, pois desejava-se tornar o ateliê alfaiataria conhecido, oferecendo serviços com garantia, perfeição e com sortimentos de última moda. Dito isso, no período de 1910 a 1925 foi possível perceber tais características nas seguintes alfaiatarias: Poli & Ca; Grande Alfaiataria Ramalho; Elegancia da Moda de J. Gonçalves Lima; 22 de Setembro de Francisco Bezerra & Irmão; Grande Alfaiataria Colombo; Maison Chic; Serrano & Ca; J. Nunes Corrêa & C.^a; Aux 100.00 Paletots; Civil e Militar; Grande alfaiataria Tenreiro; Alfaiataria Central de Cota & Gama; As duas Nações; Sportiva; As Duas Thesouras e Alfaiataria Simões.

O fenômeno da moda na cidade de Manaus, acontecia assim como nas outras cidades do mundo. O que estava nas famosas vitrines em boutiques Europa logo viravam influência no Brasil, pois via-se a Europa como moderna e elegante, portanto, desejava-se vestir como as damas e os cavalheiros europeus. Dessa forma, almejando satisfazer o desejo dos fregueses pelo novo, alfaiates como: Angelo Biondin, da alfaiataria Serrano & Ca e Saverio Cosentino, da Alfaiataria Poli & Ca, viajaram à Europa para obter conhecimento da última moda. O retorno à capital amazonense foi noticiado no jornal, por tais alfaiatarias, juntamente com a oferta do serviço auto caracterizado como perfeito e moderno. A respeito disso, João Luiz de Souza (2013, p. 15) argumenta que:

A moda usada por homens e mulheres em Manaus e na Amazônia sofria algumas alterações em tecidos e desenhos devido à escassez de mão-de-obra dos ateliês instalados na cidade. Mas nem por isso deixamos de *cultuar* a moda usada em Paris e Londres.

Em razão desta constante busca por vestir-se como os europeus, a grande maioria das alfaiatarias noticiava o recebimento de tecidos para a confecção de peças clássicas, como a casimira inglesa, tecido bastante anunciado durante esses anos. Geralmente utilizado para a confecção de casacos, calças e ternos, o tecido exigia bastante habilidade e prática no corte para compor o vestuário da elite masculina. Apesar de os alfaiates também confeccionarem peças para o vestuário feminino,

os anúncios de alfaiatarias voltavam-se em boa parte para público masculino, e os anúncios de modistas para o feminino.

Segundo João Luiz de Souza (2013) a vestimenta que caracterizava os homens da Belle Époque, homens de grande importância para o meio social, priorizava destacar o progresso da industrialização por meio de vestimentas de fácil locomoção, como o uso de calças e eventuais bainhas inglesas. Para compor o vestuário destes homens, objetos como: bengala, relógio, luvas e chapéus também eram utilizados para representar poder. Dessa forma, em anúncios fica evidente que as alfaiatarias procuravam mostrar tais representações de modernidade não apenas com textos, mas também ilustrações das peças vestidas ou fotografias destas, como é o caso no anúncio feito pela Grande Alfaiataria Colombo e Alfaiataria de Serrano & Hilario.

Figura 1- Anúncio de 1912-ed 03062(2)¹⁹



Fonte: Jornal do Commercio (AM), 1912.

Figura 2 Anúncio de 1916-ed 041198 (1)²⁰



Fonte: Jornal do Commercio (AM), 1916.

¹⁹ O referido anúncio se encontra disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx..>

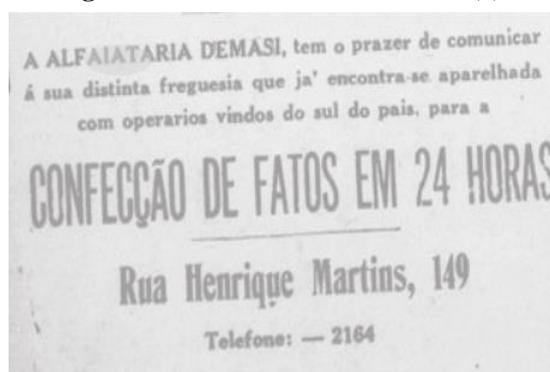
²⁰ O referido anúncio se encontra disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx..>

A modernidade vinda com o período da borracha era caracterizada nas roupas confeccionadas pelos estimados artesãos. Encomendar uma peça feita sob medida era luxo e encomendar de grandes alfaiatarias, como é o caso das Grande Alfaiataria Colombo e Alfaiataria de Serrano & Hilario, as quais possuíam sortimentos da Europa, representava grande poder. Por isso que as grandes alfaiatarias, com renomados artesãos, não precisavam sempre produzir uma anúncios com texto e imagem para chamar a atenção dos clientes.

Com a crise da borracha, observou-se a partir de 1913, que o estilo e a quantidade dos anúncios de algumas alfaiatarias mudaram, passando a ocupar um pequeno espaço do jornal e a tratar sobre: mudança de endereço da alfaiataria, redução de preços, fechamento de alfaiataria; leilão de materiais e divulgação de sortimentos europeus para elite manauara. Apesar desta redução de anúncios, elas continuaram a ser publicadas com regularidade, fato que mudou após 1925.

A partir de 1940, observa-se a drástica redução nos anúncios das alfaiatarias. Em 1942, por exemplo, não se encontraram mais menções a este serviço no Jornal do Commercio (AM). Este acontecimento deve-se ao fim do período da Belle Époque, ao início da Segunda Guerra Mundial e às novas prioridades econômicas vindas com a crise da borracha. Há anúncios que ficaram mais breves, como pequenos comunicados ao freguês, sem a divulgação de tecidos ou preços, como é o caso da alfaiataria Poli; anúncios de alfaiatarias que no período anterior não publicaram no jornal, tem-se de exemplo a Alfaiataria Bezerra, Pinto e Carioca; anúncios de ternos feitos em 24h, como as alfaiatarias Serrão, Aux 100.000 Paletots e Demasi publicaram e aviso sobre contratação de oficiais alfaiates, como ocorrido na Alfaiataria Bezerra, Sportiva e 100.00 Paletots. Dentre os anúncios relatados durante este segundo período, este feito pela alfaiataria Demasi, na figura 3, chama a atenção.

Figura 3 - Anúncio de 1943-ed 13328(1)²¹

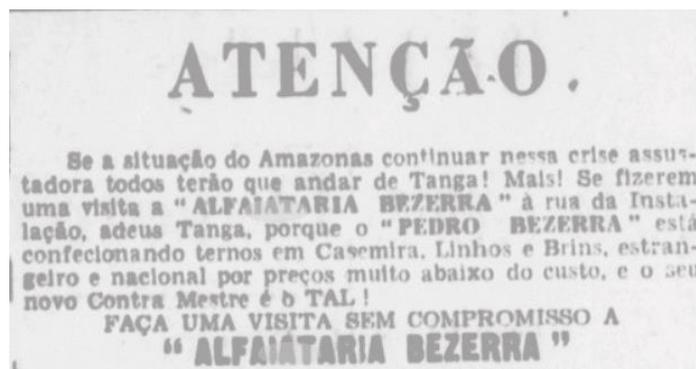


Fonte: Jornal do Commercio (AM), 1943.

²¹ O referido anúncio se encontra disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Em uma época em que a economia amazonense estava em crise e o mercado voltado para a produção industrial, os alfaiates viram-se obrigados a competir com a indústria. No entanto, o questionamento que se tem é: como produzir em 24 horas peças de alfaiataria sem perder a perfeição e detalhamento feito pelos verdadeiros artesãos? Neste momento de dificuldades, a preocupação maior era procurar vender, dito isso, o anúncio feito pela Alfaiataria Bezerra em 1948 retrata bem o sentimento da época, de uma maneira cômica, com a intenção de atrair fregueses.

Figura 4 - Anúncio de 1948-ed 14644(1)²²



Fonte: Jornal do Commercio (AM), 1948.

O Amazonas não estando em um momento propício para se investir em peças de alfaiataria, o preferível estava em adquirir peças de valores mais acessíveis, como é o caso das roupas prontas para serem usadas. Ao contrário das roupas sob medidas, essas não necessitam de um tempo para a confecção, baseando os modelos pelas tabelas de medidas, resultando no barateamento da peça. A respeito disso, Valdirene Nunes e Mônica Moura argumentam que “a exigência do industrial sobre o artesanal tem resultado em perda de procedimentos e processos artesanais manufaturados, gerando, entre outros fatores, a exigência da quantidade em detrimento da qualidade” (Nunes; Moura, 2017, p. 4).

Em 1923 a alfaiataria Colombo já possuía uma “secção de roupas feitas”, no entanto, observou-se apenas um anúncio sobre ela. Por conta dessa baixa procura por artigos de alfaiataria tradicionais, a produção foi reduzindo até chegar no ano de 1955, no qual se teve anúncios apenas da alfaiataria Demasi Civil e Militar e alfaiataria Poli.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade atingiu Manaus no final do século XIX e com ela surgiu a Belle Époque. A Europa, referência em cultura nesta época, torna-se a principal influência na capital amazonense,

²² O referido anúncio se encontra disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

alterando a moda e costumes da elite manauara. Neste molde da sociedade, os alfaiates, respeitáveis profissionais, tiveram um papel fundamental. Bastante requisitados pela elite, buscavam juntar ao nome da alfaiataria na qual trabalhavam referências da moda europeia, ao viajarem para o exterior. Essa era uma característica que diferenciava um alfaiate de outro e, conseqüentemente, uma alfaiataria de outra.

Na época de 1910 a 1925, notou-se no *Jornal do Commercio (AM)*, um considerável número de alfaiatarias fazendo anúncios sobre os serviços oferecidos, caracterizando-os como sendo “perfeitos”, com os melhores tecidos e os mais detalhados acabamentos. Diante a uma época de crescimento econômico, ainda que no final dela, a prioridade da sociedade estava em desfrutar da modernidade, participando de concertos em teatros e principalmente acumulando olhares para si, em razão das vestimentas utilizadas, fortalecendo assim a posição social que ocupavam.

Com o final do Ciclo da Borracha, a prioridade da sociedade mudou. A economia volta-se à indústria, e o serviço sob medida dos alfaiates não é tão procurado, ocasionando a busca do freguês por serviços mais baratos, o fechamento de alfaiatarias e a redução dos anúncios em jornais. O valor mais acessível é traduzido em peças feitas em 24h, sem o mesmo padrão de qualidade de antes e na venda de roupas já prontas para uso.

Os resultados obtidos pela pesquisa em anúncios mostraram que o contexto econômico da sociedade manauara refletiu significativamente no ofício do alfaiate. Durante o momento de prosperidade no ciclo da Borracha, mesmo que em seus últimos anos, a grande quantidade de anúncios de alfaiatarias chamou a atenção, assim como a instauração das oficinas de alfaiataria na Escola de Aprendizes Artífices no Amazonas no mesmo período. Indo em contramão ao clima de crescimento econômico, os resultados da decadência do ciclo da Borracha refletiram na extinção das oficinas de alfaiate na escola citada e na diminuição de anúncios desses ofícios.

Dito isso, com a pesquisa nos anúncios acerca do ofício de alfaiate em Manaus, no *Jornal do Commercio (AM)*, torna-se clara a visão de que o Ciclo da Borracha levou progresso à cidade, e ao mesmo tempo tornou-a dependente economicamente do comércio da matéria prima. A crise, que se deu com o final do Ciclo, caracteriza isso, podendo-se observar que o ofício de alfaiate, antes imprescindível, sofreu os efeitos das alterações econômicas e costumes da época, e acabou perdendo seu grande prestígio.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria do Carmo. **A Formação de Professores para o Ensino Profissional e Tecnológico mediado pela Metodologia por Competências - a partir dos anos 70**. Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Ribeiro de Souza. 292 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/59/1/A%20forma%c3%a7%c3%a3o%20de%20pofessores%20para%20o%20ensino%20profissional%20e%20tecnol%c3%b3gico%20mediado%20pela%20metodologia%20por%20compet%c3%aancias%20a%20partir%20dos%20anos%2070.pdf>. Acesso em: 8 maio 2021.
- BARBOSA, Juliana. **A alfaiataria e sua particular transmissão de ensino**. Actas de Diseño, Argentina, vol. 21, pp. 165-168, 2016. Disponível em: https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/actas_de_diseno/detalle_articulo.php?id_libro=601&id_articulo=12517. Acesso em: 01 de fev. de 2021.
- BENTES, Arone do Nascimento. **O patrimonialismo como cultura institucional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM**. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4695/2/Tese%20-%20Arone%20do%20Nascimento%20Bentes.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.
- JORNAL do Commercio (AM) – 1905^a 1979. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 3 maio 2021.
- MELLO, Maria Stela. **Da escola de Aprendizes Artífices a IFAM Campus Manaus Centro**. Manaus, 2018. Disponível em: <http://www2.ifam.edu.br/campus/cmc/noticias/de-escola-de-aprendizes-artifices-a-ifam-campus-manaus-centro>. Acesso em: 14 maio 2021.
- NUNES, Valdirene; MOURA, Mônica. **A relevância da alfaiataria no ensino superior de design de moda no Brasil**. In: 13º Colóquio de Moda, Bauru - SP. 2017. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt_13/gt_13_A_relevancia_da_alfaiataria_no_ensino.pdf. Acesso em: 14 maio 2021.
- PAULA, João Antonio de. Notas Sobre a Economia da Borracha no Brasil. **Estudos Econômicos**, p. 63-93, 1982. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268340239.pdf>. Acesso em: 8 maio 2021.
- SILVA, Francisco Eleud Gomes da. **"Batalha da Borracha": o contexto da migração cearense para a Amazônia o período de 1939 a 1970**. Orientador: Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto. Dissertação (Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. p. 142. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5060#:~:text= Nesse%20sentido%2C%20o%20objetivo%20geral,da%20E2%80%9CBatalha%20da%20Borracha% E2%80%9D>. Acesso em: 5 maio 2021.
- SILVA, Maria Izabel; AUED, Bernardete. **Alfaiates imprescindíveis**. EXTENSIO: Revista Eletrônica de Extensão, ed. 3, p. 3-39, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/5512/4971>. Acesso em: 1 de fev. 2021.

SILVA, Jarlison Augusto (org.). História do Amazonas. *In*: História do Amazonas. Manaus, 2016. cap. **A Belle Époque Amazônica: Apogeu da economia gomífera e a transformação das cidades do norte**, p. 149-162.

SOUZA, João Luiz. **Mudanças de hábitos no imaginário Amazônico**: moda, a influência cultural francesa em Manaus entre os séculos XIX e XX. Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Marilene Corrêa da Silva Freitas. 2013. 245 p. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5001/2/Tese%20-%20Jo%c3%a3o%20Luiz%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.